A Criminologia estuda o crime enquanto fenómeno social e individual e inclui, basicamente, o estudo das suas causas e a aferição da sua extensão. Ao mesmo tempo, contribui de modo decisivo para as formas de controlo e prevenção do crime, ou seja, para a Política Criminal. Este propósito é atingido, em grande medida, pelo recurso ao método científico, estratégia que já proporcionou decisivos avanços neste campo que, por conseguinte, se revela altamente prometedor. Estas diferentes facetas são expostas e analisadas na presente *Introdução à Criminologia,* recorrendo a fontes originais e dando especial atenção tanto aos aspectos teóricos como aos metodológicos. Foi escrita numa linguagem acessível, embora sem descurar aquela que, porventura, constitui uma das missões mais importantes da Criminologia: alertar para a profunda complexidade do fenómeno criminal.

A presente obra pode ser dividida em duas partes. A primeira aborda a natureza, a história e a estrutura da disciplina, e a segunda explica e avalia as principais e diferentes modalidades de aproximação teórica à Criminologia, concedendo uma atenção especial às análises empíricas que tentaram testá-las, bem como às propostas de Política Criminal delas derivadas.

Nenhuma sociedade pode conformar-se com uma reflexão puramente especulativa, ideológica ou voluntarista sobre a explicação, prevenção e controlo do crime, como tem acontecido em Espanha e na América Latina. A presente *Introdução* propõe, em vez disso, uma Criminologia *científica* e *independente*. São dois os pilares sobre os quais se ergue esta concepção da disciplina: teoria e metodologia. A complexa e íntima relação existente entre ambas reflecte-se nas páginas que se seguem.

A presente edição mantém a estrutura das anteriores, embora com desenvolvimentos importantes. Mais concretamente, inclui um capítulo novo sobre o desenvolvimento da delinquência e as diversas maneiras de o combater desenvolvidas nos últimos anos, naquilo que parece ser um agravamento das penas, pelo menos no plano teórico.

Ao Departamento de Criminologia e Justiça Criminal da Universidade de Maryland o meu afectuoso agradecimento e admiração por toda a sua honestidade e excelência.

«Uma ciência que hesita em esquecer os seus fundadores está perdida.»

Whitehead, *The Organization of thought*, VI

O «objectivo de qualquer ciência é fazer descobertas, e qualquer descoberta é desconcertante, em maior ou menor grau, para as teorias anteriores. A menos que a Sociologia conceda ao senso comum uma autoridade há muito perdida nas restantes ciências – embora não se compreenda de onde é que esta poderia advir -, é imperioso que o investigador não se deixe intimidar com o resultado das suas próprias pesquisas, desde que estas sejam realizadas com método. Se a demanda do paradoxo é própria do sofista, evitá-lo, quando os factos assim o impõem, é próprio dos espíritos acanhados ou que não têm fé na ciência».

Durkheim, *Les règles de la méthode sociologique,*
Prefácio da primeira edição.

«A desforra do real é impiedosa para com a boa vontade mal ilustrada ou o voluntarismo utópico».

Bourdieu, *Leçon sur la leçon.*

Prólogo

A Criminologia sofreu um tremendo crescimento nas últimas três décadas. Desenvolveram-se muitas teorias novas, algumas das quais implicaram uma revisão de teorias tradicionais, outras apresentaram novas teorias e outras, ainda, foram mais além, recorrendo à integração de todas elas. Embora a Criminologia se encontre ainda dominada pela Sociologia, a sua natureza tornou-se cada vez mais interdisciplinar. Biólogos, psicólogos, economistas e outros chegaram a desempenhar um papel proeminente na investigação do crime. Prova disso é o facto de os criminologistas estudarem agora o impacto de um amplo espectro de factores sobre o crime. Alguns destes factores são de natureza biológica, como é o caso da herança genética e das lesões cerebrais; outros são de natureza psicológica como, por exemplo, a inteligência ou determinados traços da personalidade; há os que dizem respeito a características do meio social imediato do indivíduo, incluindo a família, a escola, os conhecidos e o ambiente laboral; outros, ainda, fazem referência a situações com as quais se deparam os indivíduos; finalmente, há os que se estão relacionados com o ambiente social entendido num sentido mais vasto, como sucedes no caso das particularidades das comunidades.

Os esforços para encontrar uma explicação para o crime tornaram-se mais sensíveis à questão da generalização. Os criminologistas perguntam-se, cada vez mais, se as suas teorias precisam de ser modificadas para explicar diferentes tipos de crime, tais como os crimes de colarinho branco ou de terrorismo. Questionam-se sobre se são ou não necessárias teorias especiais para diferentes tipos de criminosos, fazendo a distinção entre, por exemplo, homens e mulheres ou criminosos crónicos e indivíduos cuja actividade ilícita se cingiu à adolescência. E, em menor número, reflectem sobre a legitimidade de se aplicarem teorias idênticas a pessoas de países diferentes. Relativamente a esta última questão, foi alvo de maior atenção a análise das diferenças entre os grupos em matéria de índice de criminalidade, incluindo diferenças de género, de comunidade e de sociedade.

Os esforços efectuados para testar as teorias do crime tornaram-se mais sofisticados. Progrediu-se muito na contabilização dos crimes e das variáveis que se pensa serem a sua causa. Por outro lado, os testes das teorias do crime utilizam mais amiúde dados longitudinais, tendo em conta um vasto leque das variáveis consideradas causa do crime, e empregam técnicas estatísticas mais apropriadas para os dados em análise. O progresso nestas áreas não estagnou. Por exemplo, ultimamente têm-se desenvolvido esforços enormes no que diz respeito à recolha de dados transnacionais sobre o crime mais fiáveis, e esta tendência parece estar a aumentar a curto prazo.

Devido às mudanças anteriores, temos agora uma ideia razoavelmente boa de quais são as principais causas do crime e como operam conjuntamente na influência do mesmo, embora, evidentemente, ainda haja um longo caminho a percorrer neste sentido. Talvez o sinal mais encorajador deste fenómeno resida no facto de os criminologistas e

os responsáveis da Política Criminal, hoje em dia, tenham optado por concentrar as suas energias na aplicação deste conhecimento no controlo do crime. Os estudos sugerem que os esforços para controlar o crime têm tido êxito na medida em que não viram as costas, precisamente, às suas causas. Assim, os criminologistas ajudaram a desenvolver alguns programas de controlo do crime que tiveram algum êxito na neutralização das suas causas e, por conseguinte, na sua redução. Estes incluem programas preventivos, de reabilitação e sancionadores.

O Professor Alfonso Serrano Maíllo prestou um grande serviço à comunidade quando apresentou o seu mais recente trabalho na área da Criminologia intitulado *Introdução à Criminologia*. Este livro proporciona uma descrição dos esforços para contabilizar os crimes e os métodos científicos com os quais se podem testar as teorias. A seguir, expõe as principais teorias do crime, as investigações que foram levadas a cabo sobre tais teorias e as implicações das mesmas na Política Criminal.

O livro está bem organizado e oferece uma perspectiva global completa e actualizada dos mais recentes trabalhos sobre as causas do crime. Não é tarefa fácil proporcionar uma visão geral sobre esta temática, dado o volume enorme de investigações sobre o crime levadas a cabo nos últimos anos. Contudo, o Professor Alfonso Serrano Maíllo estudou com alguns dos mais importantes criminologistas, tanto na Europa como na América. Conhece bem o terreno e realizou um magnífico trabalho de organização de uma vasta quantidade de material. Este livro reveste-se de uma importância fundamental porque familiariza os leitores de Espanha, Portugal e América Latina com um importante *corpus* de investigação que, provavelmente, estimulará novos estudos sobre as causas do crime nestas áreas e, espero eu, contribuirá para um esforço mais efectivo do controlo do crime.

Robert Agnew,

Emory University

INTRODUÇÃO

O principal objectivo desta obra é lançar alguma luz sobre a profunda complexidade do fenómeno criminal, do qual, surpreendentemente, pouco sabemos[1]. A presente e nova quarta edição concedeu-me a oportunidade de rever e completar as anteriores, incluindo a que foi editada em Lima, em 2004, para a América Latina, cujo prólogo foi escrito por Eugenio Raúl Zaffaroni.

A Criminologia Científica assenta em dois pilares fundamentais que, embora relacionados, são independentes: a teoria e a metodologia. É sobre este esquema que se pretende construir a presente obra, e acredito que o amável leitor esteja de acordo com esta minha pretensão. Este livro contrasta com o tipo de análise do crime de carácter mais voluntarista e ideológico predominante há já demasiado tempo no âmbito sociocultural latino-americano e da Europa mediterrânica. Hoje em dia, perante a preocupação despertada pelo fenómeno da criminalidade, é irresponsável manter, face ao mesmo, explicações e respostas acientíficas.

O presente trabalho pretende percorrer muitos dos mais relevantes âmbitos da Criminologia Contemporânea, embora não seja minha pretensão, de todo, ver nele uma obra exaustiva. No entanto, e muito embora seja meu propósito identificar as lacunas e as carências mais relevantes, tenho consciência de que o tratamento da base bibliográfica é incompleto, pelo que apresento, desde já, as minhas desculpas. A pesar deste livro ter sido redigido recorrendo a obras teóricas e a investigações originais, em caso algum pretende substituí-las[2].

No meu entender, entre as tendências mais importantes da explicação do crime, que a presente obra tenta analisar, encontram-se as seguintes: Em primeiro lugar, a Criminologia Contemporânea é, pelo menos em parte e há algumas décadas, uma Criminologia que dá conta da evolução das teorias criminais. Este facto contribuiu para uma certa evolução teórica, assim como para o desenvolvimento de sofisticadas metodologias quantitativas. É de referir que outros estudos teóricos importantes, como algumas das mais recentes propostas aceiteis, não são tão fáceis de testar ou de refutar como seria desejável. Uma tendência muito em voga actualmente é a de se avaliarem teorias em diversas culturas e nações, ou seja, testar as explicações gerais do crime fora do âmbito em que originalmente foram propostas[3]. Do ponto de vista estritamente teórico, não é despiciendo o papel representado pelas emoções e as sensações na prática do crime, embora, tradicionalmente, tenham sido relegadas para um segundo plano, provavelmente por razões metodológicas. Quanto à segunda grande tradição teórica da

---

[1] Laub, 1990: 23; também Downes e Rock, 2003: 1-23; Laub e Sampson, 2003: 17, 18 e 40.

[2] Cressey, [1971]: vi. Como acrescenta Hirschi e Hindelang, ler não só é divertido, como também útil no terreno científico, 1978: 611.

[3] Akers e Jensen, 2003:3 e 6; Farrington, 1996:68; Hirschi, 2005; Hwang e Akers, 2003:39 e 55; Laub e Sampson, 2003:8; Sellin, 1950:416; Wang e Jensen, 2003:75 e 80-81.

Criminologia, que diz respeito às reacções inspiradas pelo crime e aos comportamentos desviantes das nossas sociedades, foi alvo de um grande e interessante desenvolvimento nos últimos anos, dando-se uma especial atenção ao potencial agravamento das penas aplicadas à população, pelo menos nalgumas nações que aqui são tratadas.

O estudo das correlações no crime mantém um lugar preponderante na Criminologia Contemporânea[4]. Se a análise da correlação entre idade e crime dominou a discussão à volta deste assunto nas últimas décadas, o centro das atenções parece ter-se transferido, agora, para a correlação entre sexo e crime, decerto a mais relevante. A importância do factor idade mantém-se, contudo, no estudo de modelos dinâmicos e trajectórias criminais onde se verificam alterações e desenvolvimentos.

No plano metodológico, parece não haver dúvidas em relação ao facto de imperarem as abordagens longitudinais. Por outro lado, e também muito recentemente, começaram a colher-se os frutos dos estudos relacionados com o crime realizados inicialmente em grande escala, de grande importância e altamente prometedores. Nos próximos anos haverá lugar a achados certamente decisivos, e aqui não se pode esquecer que o acesso a estudos de melhor qualidade é indispensável para o êxito e avanço de inúmeras disciplinas. Ainda no plano metodológico, é importante destacar os actuais esforços de integração de estudos quantitativos e qualitativos, especialmente os estudos qualitativos e etnográficos que começam a ser imprescindíveis nesta área. Outra questão fundamental é o contributo que a nossa disciplina já deu para outras. Efectivamente, já não é possível defender que a Criminologia se limita a utilizar metodologias de disciplinas alheias, bem pelo contrário, não só possui inegáveis especificidades metodológicas, como também se encontra em condições de dar um contributo fundamental para outras disciplinas. Como é óbvio, este facto reforça o carácter autónomo e independente da Criminologia Científica.

Deixando de lado a ideia de que o debate sobre as tipologias continua em aberto e que, inclusivamente, nos últimos anos esta abordagem panorâmica diferenciadora poderá ter conquistado adeptos, a fenomenologia criminal está a ser enriquecida por importantes estudos sobre tipos de criminalidade concretos, tais como a violência no âmbito familiar, o homicídio, o terrorismo ou a criminalidade internacional.

Por último, a Criminologia também prosperou com novos e importantes desenvolvimentos críticos: Criminologia Feminista, Criminologia Pós-moderna, Criminologia Ecológica, Criminologia Radical, etc. Neste âmbito, parece-me especialmente prometedora a visão Marxista estrita, que assenta na formulação de propostas testáveis (com dados quantitativos) e construídas solidamente sobre a evidência empírica disponível. Como já aqui disse, a presente *Introdução* pretende abordar a maioria dos desenvolvimentos anteriores.

---

[4] Hindelang, 1981:473; vid., também, Akers, 1991:206; Braithwaith, 1989:44; Gottfredson e Hirschi, 1990:xvi-xv, 12 e 16; Hirschi, 1989:46. Para outra opinião, Blumstein e Cohen, 1986:985.

Tanto o presente trabalho como a minha concepção da Criminologia foram decisivamente influenciados por Travis Hirschi, Helmut Kury, Gary LaFree, John Laub, Raymond Paternoster, Alfonso Serrano Gómez, Lawrence Sherman, Sally Simpson e David Weisburd, entre outros. O meu mais profundo agradecimento a todos eles por uma ajuda que jamais poderei retribuir. O meu agradecimento, também, a Robert Agnew, Hans-Jörg Albrecht, Leana Allen, Luis Enrique Alonso, Robert Apel, Pal Biemer, Javier Callejo, Dawn Cecil, Diana Fishbein, José García San Pedro, Robert Groves, Martin Killias, John Pease, Deanna Pérez, Fernando Reinares, Charles Wellford e Eugenio Raúl Zaffaroni. A presente edição foi enriquecida por diversas conferências e, especialmente, pelos Cursos Monográficos que tive a oportunidade de ministrar na Universidade Nacional San Agustín de Arequipa e na Universidade de Los Andes, em Mérida [Venezuela], assim como pelo curso de pós-graduação que dirijo. Também o meu sincero agradecimento ao Instituto Max Planck de Direito Penal Estrangeiro e Internacional de Friburg de Brisgovia, ao Instituto de Criminologia da Universidade de Cambridge e ao Departamento de Criminologia e Justiça Criminal da Universidade de Maryland.

O autor agradecerá, ainda, qualquer comentário e sugestão, que poderão ser enviados para aserranom@der.uned.es ou, também, para Departamento de Direito Penal e Criminologia da Faculdade de Direito da UNED, Calle Obispo Trejo, s/n, 28040 - Madrid, Espanha.

Caracas, 16 de Junho de 2005